VI CONBALF
ALFABETIZAÇÃO E DEMOCRACIA: DIREITO À LEITURA E À ESCRITA

CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

GÊNEROS DA TRADIÇÃO ORAL E CULTURA LÚDICA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Liane Castro de Araujo[1]

***Eixo temático 4**: Alfabetização e infância*

Resumo: O artigo discute sobre a abordagem de gêneros da tradição oral como cultura lúdica e prática de oralidade, mobilizando experiências linguageiras produtivas para a alfabetização de crianças. Apresenta uma atividade de extensão desenvolvida pelo LAP - Laboratório de Acervos e Práticas/UFBA, que convidou famílias e escolas em funcionamento remoto a ampliarem seu repertório, aprenderem mais sobre os gêneros orais e a envolverem as crianças em práticas culturais brincantes em tempos de isolamento social.

Palavras-chaves: Tradição oral; Cultura lúdica; Oralidade e alfabetização; Isolamento social.

Introdução

Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar!?

No repertório dos textos tradicionais da infância há os gêneros poético-musicais como cantigas, parlendas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, que envolvem cultura lúdica infantil, oralidade lúdica, gêneros *desúteis*, como refere Belintane (2013) em oposição os textos *úteis* da comunicação cotidiana, e cuja função social primordial é poética, estética, brincante.

Esse repertório, embora porte um valor cultural e linguístico inestimável na infância, tem sido pouco explorado na contemporaneidade, seja no âmbito das famílias ou escolas, a não ser evocado no mês do folclore ou apenas os mais textos conhecidos, veiculados nas mídias, por vezes, referidos como “cantiga da Galinha Pintadinha”, esvaziando-os como herança cultural de nosso povo. Dessa forma, afirma-se o valor de reapresentá-los às crianças, com toda sua potência oral, performática, poética e lúdica, que brinca com a linguagem e mergulha as crianças na língua materna.

Além do potencial cultural brincante e de prática de oralidade lúdica, esses textos constituem uma “porta de entrada” para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita e, conforme defendem diversos autores (BELINTANE, 2013; ARAUJO, 2019; MORAIS, 2019),

[1] Doutora em Educação. Universidade Federal da Bahia. lica@ufba.br

um repertório cultural privilegiado para as aprendizagens linguísticas na alfabetização de crianças. A partir de uma concepção que defende a apropriação da escrita alfabética como um processo reflexivo sobre o funcionamento da notação da língua e sua base fonológica no contexto dos usos vivos da linguagem, e considerando, igualmente, a relação imbricada entre práticas de oralidade e escrita, argumenta-se sobre o valor desse repertório na alfabetização, em contextos reflexivos, lúdicos e letrados, e na continuidade das práticas brincantes. Considera-se a tendência das crianças em brincar com as palavras, suas partes, suas semelhanças e diferenças (MORAIS, 2019), e sobre as sonoridades inerentes aos textos poético-musicais.

Em tempos de pandemia de Covid-19, tanto o brincar quanto o desenvolvimento da linguagem oral e escrita foram comprometidos pelo isolamento social. Diante disso, no âmbito da dimensão simbólico-cultural de sua atuação, o LAP – Laboratório de Acervos e Práticas (FACED/UFBA) – espaço formativo no campo da docência em alfabetização – propôs uma ação virtual envolvendo esse repertório como cultura lúdica, parte de um projeto de extensão universitária mais amplo[2]. A ação, intitulada “Gêneros da tradição oral e cultura lúdica em tempos de isolamento social”, foi desenvolvida durante o período da suspensão das aulas presenciais da Educação Básica e na sua volta delicada em 2022, e vincula-se à pesquisa “Textos da tradição oral na alfabetização”, ao ensino e a outras atividades de extensão (ARAUJO, 2022).

Apostando em envolver familiares e docentes, mobilizando e ampliando o seu próprio repertório brincante e os conhecimentos sobre esses gêneros, para que possam, por sua vez, provocar as crianças, a ação partiu do seguinte mote: vamos ampliar o repertório e acordar memórias de infância? Convidamos famílias e professoras(es) da Educação Infantil e Ensino Fundamental a brincar com as crianças, nas interações presenciais familiares ou nas interações remotas da escola, compartilhando com elas um repertório mais rico e diversificado. Embora não foque em situações específicas de alfabetização, a proposta convida ao mergulho em um repertório linguageiro que contribui para esse processo, quando ricamente experenciado na infância.

O presente artigo visa a discutir sobre essa temática e apresentar essa ação virtual. Luís da Câmara Cascudo (apud WEITZEL, 1995, p. 7) diz: “ouvir o povo é curso universitário”! Então, vamos ouvir a voz anônima do povo, nossa rica herança cultural, nessa ação no contexto universidade.

[2] A dimensão simbólico-cultural, com ações de ampliação de repertórios culturais, constitui, junto às dimensões material e didático-pedagógica, os eixos de atuação do LAP.

2 Cultura lúdica e alfabetização em tempos de isolamento social

O que é, o que é?
Vinte e seis senhoritas
São mudas quando isoladas
Mas dizem todas as coisas
Se acaso estão de mãos dadas[3].

A alfabetização na modalidade remota constitui uma temática complexa que envolve estarmos alertas quanto ao que podem as famílias – as diversas famílias –, e o que podem as escolas em funcionamento remoto. É preciso lembrar que a alfabetização propriamente dita é atribuição da escola, embora as famílias possam contribuir, com suas interações em torno da cultura escrita, da literatura, da oralidade. Quanto à escola, atenção especial é exigida para o ensino remoto não franquear uma alfabetização mecânica, aplicacionista, destituída de interações e mediações fundamentais às aprendizagens, o que se constatou em situações de pesquisa, como atesta Macedo (2022).

Considerando essas questões, afirmamos o valor de situações alfabetizadoras na continuidade das práticas brincantes, conforme discutido em Araujo (2017; 2019), para propor a ação virtual centrada nos gêneros orais. Belintane (2013) argumenta que só esse mergulho já favorece a alfabetização, pois além de o repertório exigir a escansão das palavras e ser repleto de sonoridades – o que já torna a língua "altamente alfabetizável" –, vai constituindo um "estofo linguageiro". Como o autor argumenta, "os textos orais da infância estão por detrás de toda armação de linguagem que o adulto recria posteriormente, seja escrita, falada, pictórica ou mesmo corporal" (BELINTANE, 2013, p. 15), ou seja, a polifonia textual que vem da infância nos constitui e segue enredando nossas produções de linguagem. Uma vez memorizados para serem recitados, cantados e, especialmente, para brincar, os textos tradicionais da infância tornam-se nossos, parte de nossa experiência sensível, coletiva e subjetiva, e também base para as primeiras leituras, para o desenvolvimento da consciência lexical e fonológica, contribuindo para a alfabetização (ARAUJO, 2017; 2019). Assim, cultura lúdica e alfabetização, oralidade e escrita, se imbricam nas práticas de letramento e na apropriação da escrita alfabética.

As brincadeiras entre as crianças, as práticas de oralidade lúdica ou "corporalidade" (BELINTANE, 2017), também foram comprometidas com o isolamento social, já que as crianças ficaram sem o espaço da escola ou numa "escola" com interações limitadas ao espaço da tela. Assim, busca-se assegurar o direito de brincar também nesse contexto modificado desse período, um brincar com a palavra, a língua, convocando a função poética e as espertezas da linguagem.

[3] As letras do alfabeto.

É preciso, no entanto, sublinhar a importância da circulação desses textos pela via da oralidade, pela voz, com todo o seu valor performático, como alerta Zumthor (1997), pois os gêneros poéticos orais têm sua realização mais potente quando enunciados de memória, para brincar, guardando sua arrumação rítmica, muitas vezes, acompanhados de movimento corporal. Desse modo, as ações do projeto, por sua natureza, incluem também as famílias, já que nesse contexto, compartilhar esses "brinquedos da linguagem" favorece o brincar presencial entre adultos e crianças, propiciando experiências culturais renovadas vividas por seus pais e avós, fortalecendo vínculos positivos com a língua e familiarizando-se com a linguagem poética. Vinculado a memórias de afetos e circulando nas famílias, de cor, de coração, o repertório vai se constituindo como repertório familiar, narrativas de infância, memória de brincar junto.

A transmissão intergeracional, própria a esse repertório, se dá pelas interações e, passado de geração a geração, pode ser retomado, transformado e renovado pelos sujeitos, pois a tradição é dinâmica. As interações com os adultos são, assim, muito importantes, pois, como experiências culturais, essas precisam ser vivenciadas e confirmadas como algo que é bom de se fazer e que diz respeito a nós. Desse modo, reafirma-se o papel das famílias e da escola, como espaços de compartilhar infâncias brincantes. Na falta da rua, praças, quintais como espaços de sociabilidade, a escola – física ou virtual – se torna um espaço importante de mobilização dessas tradições, de sua constante renovação e de constituição dessa memória coletiva. Araujo (2019) afirma o papel da escola em contribuir para mobilizar a tradição, renovação e invenção a partir dessa herança cultural, a despeito de constituir-se como um espaço institucionalizado, de "infâncias administradas" e de transmissões planejadas por adultos.

Assim, mobilizar esse repertório junto a famílias e educadores que, por sua vez, o mobilizam junto às crianças, pode unir gerações em torno de práticas afetivas e brincantes, especialmente (mas não apenas) nesse momento desafiador de isolamento social, e nutrir um lastro de memória intertextual que será, certamente, ativado nas práticas de linguagem – inclusive de escrita. As vinte e seis senhoritas da epígrafe nos lembram que a matéria da poesia é a mesma da alfabetização, e nos segredam que há, nessa adivinha, brincar e aprender sobre a língua escrita – tudo junto!

3 Vamos acordar a memória e ampliar o repertório?

Quem os desmafagafizar,
bom desmafagafizador será.

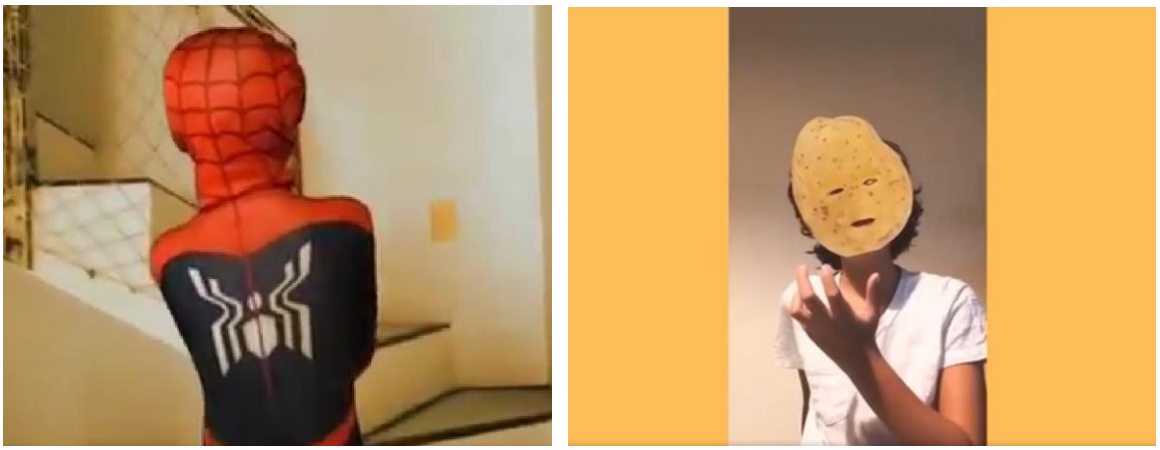
A ação virtual foi desenvolvida nas redes sociais do LAP[4], concretizada a partir de postagens regulares configuradas como uma série que convida o público em geral, seguidores dos perfis, à fruição de textos desse repertório e a conhecer os gêneros, brincadeiras e muitas possibilidades de explorá-los. Trazem representantes desses gêneros da cultura lúdica infantil divulgados por escrito ou performados por crianças, professoras, estudantes da UFBA e famílias, através de vídeos editados com a vinheta do projeto.

Performances - crianças, estudantes, familiares

Performar oralmente, de memória, é a própria essência dos textos tradicionais; são memorizados para serem transmitidos, recitados e, especialmente, para brincar. Nesse sentido, ressalta-se a parceria estabelecida com a Casa Via Magia, escola que desenvolveu um projeto em 2020, provocado pelo LAP, tendo como produto vídeos performados por crianças da Educação Infantil ao 5º ano, veiculados nas redes como parte da ação do laboratório. O longo processo de fruição, escolha de gêneros, memorização de textos, filmagens e edição, na escola, contou com o apoio de familiares e equipe pedagógica[5]. Com o nosso convite para “desmafagafizar” a tradição oral e a parceria estabelecida, a ação do LAP acolheu crianças efetivamente recitando, cantando, brincando com o repertório.

[4] https://www.instagram.com/lap_faced/; https://www.facebook.com/LAPFACED
[5] O projeto da escola culminou em um sarau da tradição oral on-line.

No âmbito da discussão sobre a renovação e invenção envolvendo esses gêneros tradicionais, foi muito interessante como crianças de 3º ao 5º ano os recitaram inovando na performance, inventando na linguagem, em novos modos de enunciar ou na forma, incluindo melodia (rap, funk) ou fazendo costuras intertextuais inusitadas:



Vídeos – O homem aranha arranha o jarro e Batatinha quando nasce shakespeareana

A ação do LAP traz também indicações sobre os diferentes tipos dentro de um gênero oral, bem como elementos sobre esses gêneros e tipos, suas estruturas, formas, usos, para que se possa ampliar também o conhecimento a respeito deles e da riqueza da tradição oral, que não se resume a algumas cantigas e parlendas que circulam nas mídias. Algumas ações mais sistematizadas foram propostas, como mobilizar estratégias de memorização, produzir mini acervos de memórias e ampliação de repertório e a produção de inventários culturais[6].

Mini Acervos de estudantes do componente Alfabetização e letramento

[6] Divulgação de espetáculos, grupos musicais/brincantes e dicas de livros também circularam nas postagens.

Postagens com dicas e orientações

Iniciamos pelos acalantos que, mesmo sendo para bebês, constituem em cantos primordiais, que mergulham os sujeitos nas sonoridades, ritmos e melodias de sua língua materna, tendo um papel nas experiências afetivas e culturais da infância. Seguimos com as

parlendas, seus diversos tipos, iniciando com os brincos, que são parlendas para bebês já com certo tônus para brincar com o corpo. As parlendas são inúmeras, com várias funções além da função lúdica primordial, como escolher quem vai jogar, memorizar letras, números e etc., pedir a intervenção de santos, induzir o outro a erro provocando o riso, dentre muitas outras. Trava-línguas e adivinhas trouxeram desafios linguageiros e espertezas da linguagem às crianças maiores. Depois, com as quadrinhas, mostramos formas de sobrevida de um gênero aparentemente destoado do tempo, especialmente por sua renovação, invenção e inserção em cantorias. As cantigas fecharam o projeto, com mais performances e aprendizagens.

É preciso destacar que essa ação, embora não seja de ensino formal, mas de compartilhamento de conhecimentos e deleites que promovem a apropriação cultural, envolve, em última instância, o ofício docente, com estudo, fruição e ampliação cultural no âmbito de uma atividade de extensão, que visa à aproximação entre comunidade e Universidade e, nesse caso, saberes populares e acadêmicos. Um ofício de ensinar em que, diferente do ofício do artesão, não há um produto, um resultado material, a certeza de que se chegou a algo. Como diz Larrosa (2021, p. 251), “se o artesão pode sentir satisfação na consistência material do que fez [...], se o trabalho do artesão produz algo concreto e tangível, o professor nem sequer pode saber o que produziu. Mais ainda, nem sequer sabe se produziu algo (e só pode intuí-lo ou adivinhá-lo no outro).” Ou seja, não há como saber se o “fazer” dessa ação foi produtivo, para quem ou em que sentido o foi. Alguns *feedbacks* deram notícias, mas sempre pela visão do outro. Larrosa (2021, p. 251) diz ainda: “se o que busca (e espera) um professor ou uma professora está do lado dos efeitos e não dos resultados, claro está que esses efeitos são imprevisíveis”. Assim, o que cada um que acompanhou a ação pôde aproveitar ou está multiplicando dessa artesania outra, não foi possível medir ou controlar, ainda mais fora do contexto formal de ensino e, portanto, com menor possibilidade de delinear efeitos.

Ainda assim, apontamos algumas ressonâncias mais sistemáticas e amplas, com as vindas da parceria estabelecida com a Via Magia e as relações estabelecidas com o ensino, a partir da produção de Mini acervos da tradição oral por estudantes. Mas houve também ressonâncias mais pontuais, como a abordagem da temática em estágios e trabalhos acadêmicos de graduação e relatos de situações de sala de aula por docentes que seguem o LAP, de brincadeiras em família, de psicopedagogas em suas atuações. Estudantes da UFBA e de outras Universidades, especialmente nas que atuam outros laboratórios de alfabetização, acompanharam o projeto, eventualmente expressando-se em relação às experiências.

Considerando a questão da circulação oral desses gêneros, é preciso, por fim, reconhecer o valor limitado da ação, por não ser presencial, olho no olho, guardando a performatividade

da oralidade poética – afinal, a voz do povo é, nela, veiculada por escrito e por meio digital. As performances gravadas conferiram maior potência à ação, embora veiculem, de qualquer forma, a voz mediatizada, diferida, repetível. Entretanto, o seu sentido se justifica considerando o momento desafiador que estávamos vivendo, com as crianças isoladas em casa, sem contato entre elas, sem as interações com a escola em seu sentido amplo – diferente do professor atrás de uma tela. E tudo isso, em tempos em que é preciso reafirmar a importância da brincadeira; de refletir sobre estratégias às quais lançar mão nas interações remotas, para não cair no risco do conteudismo e do ensino mecânico; em tempos de discussões sobre os limites e alcances do ensino remoto nos processos educativos de crianças pequenas e em fase de alfabetização.

5 Considerações Finais

Defender o repertório tradicional da infância nessa perspectiva não implica um suposto resgate de um passado distante, romantizado. Trata-se de compartilhar e seguir brincando com esse repertório, tornar seu, ser habitado por ele, reconhecê-lo como lugar de pertencimento. Trata-se de atualizar, afirmar e reafirmar sua potência cultural, e de garantir o cultivo dessas fórmulas brincantes que, embora menos hoje, estão vivas, presentes no imaginário brasileiro, na memória coletiva, continuamente renovadas.

Discutimos sobre o papel da família e das escolas, em reapresentar esse repertório às crianças, com toda a sua potência lúdica e poética. A ação virtual apresentada, vinculada a outras ações no âmbito do projeto de extensão permanente do LAP, buscou compartilhar repertório e conhecimentos referentes aos textos poético-musicais da infância, contribuindo com uma circulação mais rica e fundamentada nas famílias e escolas, no período da pandemia. Seu sentido foi provocar a experiência sensível nas interações presenciais e remotas entre crianças e suas famílias, crianças e suas professoras e colegas.

É importante sublinhar, no entanto, que apenas a experiência sensível vivida, sentida, compartilhada, internalizada – que postagens não dão conta de, por si só, provocar – é que pode garantir algum efeito desse projeto. E aí é com cada um/a. O convite foi feito e merecia ser contado.

Referências

ARAUJO, L. C. de. Laboratório de Acervos e Práticas (LAP/UFBA): formação para a docência em alfabetização. In: ARAUJO, L. C. de. et al. (Orgs). **Alfabetização**: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos, 2022, p 37-69. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1eISQ4KrXZii7nEzfB2rRydoV_QJ6Vr3O/view

_____. Textos da tradição oral: reflexão fonológica e cultura lúdica infantil. In: GONÇALVES, S. R. V.; NOGUEIRA, G. M.; MICHEL, C. B. (Orgs). **Práticas educativas no contexto do Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: desafios e possibilidades. Curitiba: Appris, 2019, p. 99-118.

_____. Reflexão fonológica em contextos lúdicos e letrados na Educação Infantil e no Ciclo de alfabetização. In: VIEIRA, Juliane F.; YAMIN, G. A. (Orgs.). **Um olhar para a sala de aula**: reflexões e práticas de linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 11- 49.

BELINTANE, C. **Oralidade e alfabetização**: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Da corporalidade lúdica à leitura significativa**: subsídios para a formação de professores. São Paulo: Scortecci, 2017.

LARROSA, J. Comunidade e tradição de ofícios. In: LARROSA, J.; RECHIA, K.; CUBAS, C. J. **Elogio do professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MACEDO, M. do S. A. N. Limites e possibilidades do ensino remoto da alfabetização: o que dizem as alfabetizadoras no interior do Ceará. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, p. 103-116, 24 mar. 2022.

MORAIS, A. G. **Consciência fonológica na Educação Infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

WEITZEL, A. H. **Folclore literário e linguístico**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.